

**THALES OLYMPIO GÓES DE AZEVEDO  
(1904-1995)**

**Thales de Azevedo, a institucionalização das ciências  
sociais na Bahia e o ciclo dos estudos das relações  
inter-étnicas**

*Maria de Azevedo Brandão\**

Fruto de vários densos ciclos de pesquisa e de uma atenção variada por elementos do cotidiano, a bibliografia de Thales de Azevedo cobre temas de medicina, nutrição e alimentação, etnografia histórica, história, relações Estado-Igreja e sobretudo antropologia social, através da qual abriu vários novos temas às ciências sociais no Brasil. São mais de duzentos e cinquenta artigos e textos avulsos, duas dezenas de livros - sendo dois de ficção-documentário, dez coletâneas de ensaios seus e uma persistente atividade periodística, desde 1923 até a semana de sua morte. As contribuições semanais para a *A Tarde*, Salvador, vão muito além de mil e quinhentas crônicas. Nesta oportunidade, quero assinalar sua contribuição, como docente e pesquisador, na institucionalização do ensino atualizado de ciências sociais na Bahia, intimamente associada à sua vigência na comunidade científica, e sua participação no ciclo de estudos sobre relações inter-étnicas no Brasil, a partir dos trabalhos patrocinados pela UNESCO na década de 50, um dos marcos mais significativos do próprio itinerário de Thales.

\* \* \*

Médico, sua identidade profissional por mais de 40 anos (1927-1968), a que se superpôs, a partir de 1943, a de professor de Antropologia, Thales de Azevedo começou como clínico no agreste baiano (1929-33) e depois em Salvador (1933-43). Após uma série de curtos empregos na área de saúde, tornou-se finalmente médico da *saúde pública* (1938-69), firmando-se como um especialista em medicina social e nutrição, com uma forte ligação com Josué de Castro. Ainda sem contato com o ensino universitário em ciências sociais, começa a escrever já antes da formatura em medicina (1926-27) sobre temas de etnografia histórica, baseado em Lery, Thevet, Hans Staden, Karl von den Steinen, Roquette Pinto, Koch-Grünberg e outros, mediante o acesso à biblioteca de Frederico

\* Universidade Federal da Bahia.

Edelweiss, seu amigo e futuro colega na Faculdade de Filosofia. Já em 1941, um artigo seu - "O rancho de gaúchos brasileiros e uruguaiois" (*Boletim de Educação e Saúde*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 30-33. Jun. 1941) seria recebido por Gilberto Freyre com a afirmação de que "todos os que vêm acompanhando as notas já publicadas pelo Sr. Thales de Azevedo sinceramente desejam que resulte um livro. Pois não será improvisado ou escrito só pela vontade de publicar coisas que pareça sociologia ou ciência social. Será um livro que de fato reunirá esclarecimentos valiosos sobre aspectos ainda pouco estudados da formação social do Rio Grande do Sul".<sup>1</sup>

Em 1942, ele cria a Escola de Serviço Social da Bahia, hoje integrante da Universidade Católica do Salvador, porém os marcos decisivos de sua dedicação ao ensino e à pesquisa são o convite, em 1943, para escrever o *Povoamento da Cidade do Salvador*, 1949, três vezes premiado, um dos trabalhos comemorativos do IV Centenário da Cidade (1549-1949), e a integração, desde o início, no corpo docente da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje parte da Universidade Federal da Bahia, onde ensinaria entre 1943 e 1967.

A bibliografia de *Povoamento da Cidade do Salvador* (Salvador, Prefeitura Municipal, 1949), três vezes premiado e com duas outras edições (Cia Ed. Nacional, Rio, 1955, série Brasileira; e Progresso, Salvador, 1959), trabalhado entre 1943 e 1948, já em sua primeira edição revela a familiaridade do autor com fontes contemporâneas em ciências sociais, como Herbert Baldus, Roger Bastide, Ruth Benedict, Franz Boas, Florestan Fernandes, G. Freyre, Alexander Goldenweiser, M. Halbwachs, Melville Herskovits, B. Hollingshead, Emmet J. Hughes, Preston James, Kurt Levin, Robert Lowie, Margaret Mead, Lúcio Mendieta y Nunes, Alfred Métraux, William Ogburn e M. Nimkof, Robert Park, Egon Schaden, Roberto Simonsen, T. Lynn-Smith, Arthur Ramos, Paul Rivet, Nelson Werneck Sodré, Charles Wagley, Emílio Willems, um elenco em grande parte inédito na historiografia baiana. Há, além disso, a referência a numerosos periódicos especializados.

"*Povoamento* tem o título de uma obra de história demográfica, mas é mais um trabalho de história social", reconhece João Reis.<sup>2</sup> Marisa Correa, Universidade de Campinas, por sua vez chama a atenção de que Thales de Azevedo "é um dos poucos antropólogos brasileiros que emprestou força à relação - tão moderna nos anos oitenta deste século - entre antropologia e

<sup>1</sup> Gilberto Freyre, "O rancho dos gaúchos", *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 15 dez, 1941.

<sup>2</sup> João Reis, "Thales de Azevedo: historiador da cultura do cotidiano", *Revista da Bahia*, n. 20, (Salvador, dez. 1996) p. 20.

história”.<sup>3</sup> A comissão de avaliação dos trabalhos concorrentes ao Prêmio Literário da Aliança da Bahia (1950), comemorativo do IV Centenário da Cidade do Salvador, composta por Octávio Mangabeira (presidente), Lúcia Miguel Pereira (relatora), Augusto Frederico Schmidt, Alceu Amoroso Lima e Anísio Teixeira, que selecionou, entre 15 livros, inicialmente três de maior mérito (de Pedro Calmon, J. F. Almeida Prado e Thales de Azevedo), justifica a escolha de *Povoamento* pela “importância das pesquisas originais (...) Se não supera os outros em méritos literários, tem sobre eles a vantagem de representar um estudo mais profundo e minucioso em tórno de assunto da maior relevância para o conhecimento da formação baiana”.<sup>4</sup>

Além disso, já no *Povoamento*, Thales é atraído por temas do cotidiano, os *faits divers* de sua experiência jornalística. Como diz João Reis, “a parte do livro que Thales denomina, com originalidade, *Aspectos ecológicos da colonização* trata de vários temas ligados ao trabalho (e à vadiagem), clima, subsistência, abastecimento e comercialização de comida e água, os costumes alimentares. Alguns temas são apenas capítulos infelizmente curtíssimos, talvez melhor integrados a outros, como os que discutem os jejuns e a praga das formigas. Nessa parte do livro, o leitor também descobrirá um sem número de sugestões que colocam Thales de Azevedo como um desbravador da história do cotidiano entre nós”.<sup>5</sup> Essa visão atenta se expressaria mais tarde em trabalhos como *Namoro à antiga* (1970, 1975 e 1986), *Família, casamento e divórcio* (1960, 1961, 1965), *Linchamentos no Brasil* (1974), *A francesia baiana de antanho* (1985), *Ciclos de vida; ritos e ritmos* (1987), *A praia; espaço de socialidade* (1988), *Pragas e chagas na poesia et coetera* (1992), ou mesmo em *Um sorriso do lagarto; preocupações bio-éticas* de João Ubaldo Ribeiro (1991).

Quanto à carreira docente, devido à sua formação em medicina, Thales é encarregado da I Cadeira de Antropologia e Etnografia do Brasil, da nova Faculdade de Filosofia, cujos cursos se integram aos currículos de Geografia e História e Ciências Sociais, e cuja matéria cobre temas de antropologia física ou biológica, que ele enviesa progressivamente para uma introdução multidisciplinar ao estudo do homem, ao processo de formação do *homo sapiens* e, finalmente, ao da cultura - ou melhor, das relações entre

<sup>3</sup> Saudação ao Professor Thales de Azevedo nos seus cinquenta anos de antropologia, Salvador, UFBA, dez. 1993.

<sup>4</sup> O relatório da comissão está publicado em *Povoamento*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1955, 2ª ed., pp. iii-iv.

<sup>5</sup> Reis, “Thales”, p. 22

“herança e meio”, até propor uma quebra formal com a tradição do ensino de antropologia na maioria das unidades de ensino superior no Brasil na época. No texto da aula inaugural da Faculdade, em 1951 - “Cultural e biológico em antropologia”, publicado em *Civilização e mestiçagem*, 1951, ele justifica sua posição. O ponto central do argumento é a indivisibilidade do estudo do homem em *físico* e *cultural* ou *social* - a ênfase na relação *orgânico/super-orgânico*. Num verdadeiro manifesto anti-reducionista, mas ao mesmo tempo contra a idéia de uma antropologia generalista ou de uma ciência dual, cindida entre natureza e cultura, faz referência a correntes filosóficas espiritualistas, intuicionistas e outras de inspiração cristã, citando, entre outros, Bergson, Croce, Heidegger, K. Jasper, à filosofia da cultura e a Boas, Robert Tylor, D. C. Haddon, Ashley-Montagu, G. Freyre, Otto Klineberg, Ralf Linton, M. Herskovits, E. A. Hooton, D. Bidney, Kroeber, James Hunt, Henry Neuville, Juan Comas, Aprígio Guimarães, Sylvio Romero, Carlos Ribeiro, Roquette Pinto, A. Ramos.<sup>6</sup>

Nesse processo inicial, foram significativos, segundo ele, além desses autores, as leituras, primeiro de George Montandon (*Traité d'ethnologie cyclo-culturelle e d'ergologie systematique*), Ales Hadlicka, Erland Nordenskiöld, Métraux, Sumner, E. Durkheim, Tonnies, von Wiese, James G. Frazer, em seguida, de L. C. Dunn e Theodore Dobzhansky, R. Benedict, Kluckhohn, Marcel Mauss, M. Mead, Robert Redfield, F. Fernandes, Maria Isaura P. de Queiroz, R. Bastide, Oracy Noqueira, além dos cronistas e dos clássicos da ensaística e da historiografia brasileiras. Serão aulas meticulosamente preparadas, desenvolvidas mediante esquemas minuciosos, com indicações bibliográficas que divergem totalmente da tradição do ensino das ciências sociais da época na Bahia. O mesmo padrão repete-se a cada novo tema - catolicismo no Brasil, relações Igreja-Estado, ideologia da segurança nacional, evasão de talentos, namoro, família, rituais dos ciclos de vida, etc.

Na Faculdade cria, desde 1953, o Seminário de Antropologia, que manteve com reuniões semanais até 1967 e cujas sessões eram sistematicamente anunciadas em cartões por ele datilografados, com informações sobre horário, expositores e temas, colocados no quadro de aviso do saguão da escola. Mas os anúncios não se restringiam apenas ao Seminário. Outros avisos convocavam os alunos também para palestras em outras unidades da Universidade, ou outras instituições. E em qualquer dos casos incluíam freqüentemente a indicação de que o assunto era “de interesse para os estudantes” de Ciências Sociais, Geografia, Economia, História, Política, conforme o tema. Segundo o registro dos três primeiros anos do

<sup>6</sup> *Civilização e mestiçagem*, passim.

Seminário - sobre os quais se dispõe de uma documentação sistemática -, a ele compareceram personalidades como G. Herbert Blumer, M. Herskovits, Wilson Martins, Edison Carneiro, J. Wanderley de Pinho, Juan Comas, Pierre Monbeig, Jean Tricart, mas também alunos e jovens pesquisadores independentes, artistas, escritores, outros professores e profissionais. Como diria, frente ao seu desaparecimento, um de seus ex-alunos, Paulo Farias, hoje professor na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, “com Thales, aprendíamos... as boas regras da ética intelectual. Ele as ensinava com ansiedade, mas sem empáfia. Nas aulas dele, respirávamos uma atmosfera que era rara na Bahia daquela época. Como professor, ele seguia os mesmos altos critérios que norteavam seu trabalho de pesquisador... Eu admirava nele, entre muitas outras coisas (como a elegância de maneiras que ele sempre teve), a capacidade de renovar-se...”<sup>7</sup>

Primeiro dos pró-reitores da Universidade da Bahia, como diretor do Departamento Cultural (1960-1961), abriu a discussão, a nível do corpo docente, sobre a reforma universitária, retomada quando diretor da Faculdade de Filosofia em 1964-67, e fundou o Instituto de Ciências Sociais (1962), uma aspiração vinda de 1955-56, quando tentou articular a formação de um Centro de Pesquisas Sociais. Nesse período escreve vários textos sobre o ensino universitário e as funções da Faculdade de Filosofia.

No instituto manteria a tradição do Seminário de Antropologia, promovendo, nos seus três primeiros anos, cursos e debates com C. Wagley, J. Medina-Echevarria, Frank Tannenbaum, R. Bastide, Caio Prado Jr., Pierre Georges, Hélio Jaguaribe, Amitai Etzioni, Alain Touraine, Rodolfo Stavenhagen, Cliford Evans, Luiz H. Dias Tavares, Daniel Pecaut, Jorge Calmon, Benno Galjart, Katia Mattoso, Milton Santos, Nelson Sampaio, Romulo Almeida, Godofredo Filho, Roger Vekemans, Ignácio Rangel, Wolfgang Hirsch-Weber, recebendo visitas de Victor Urguidi, Anthony Leeds, Carolina M. Bori, Fernando Henrique Cardoso, Anísio Teixeira, Marvin Harris, Jorge Ahumada, Gino Germani, Donald Warren, G. Freyre, Arthur Neiva, Betty Meggers, Emanuel DeKadt, Hiroshi Saito, José Midlin, Conrad Kottak, Aniela Ginsberg, Manoel Berlink, Fernando B. D’Avila, Sergio Bernardes, Monique Augras, Anibal Vilela, Raymond Sayers, Frank Sherwood, J. Arthur Rios, Richard Graham e outros, além da criação do primeiro programa de pós-graduação em ciências sociais na Bahia. Em meio às lutas internas da Universidade e às arbitrariedades do regime militar, o instituto viria a ser visado pela “Revolução”, particularmente a partir do meado de 1964 e, desde o início de 1965, submetido a nova direção. Apesar de ter sido o primeiro dos novos institutos básicos - núcleos inte-

<sup>7</sup> Correspondência particular, Birmingham, ago.1995.

grados de pesquisa e ensino - criados na Universidade Federal da Bahia, após a total destruição de seus arquivos e desfalque de sua biblioteca o Instituto de Ciências Sociais voltaria a funcionar sob nova orientação e viria finalmente a ser extinto no final da década de 60.<sup>8</sup>

A atualidade e presença desse autodidata e pioneiro em ciências sociais, vindo e permanecendo por toda a vida em sua província, expressou-se também na sua vigência como membro destacado da comunidade científica brasileira: a publicação em revistas especializadas e a presença em encontros profissionais, inicialmente em medicina e depois em história, desdobram-se, sobretudo, na participação ativa na ABA - Associação Brasileira de Antropologia, desde antes da fundação desta, já nas reuniões precursoras de 1951, 1953 e 1955. Em 1951, em Petrópolis, Thales é eleito vice-presidente da Mesa Diretora dirigida por H. Baldus, para organizar uma reunião sobre a situação e perspectivas do ensino e da pesquisa em antropologia no Brasil.<sup>9</sup> Na I Reunião Brasileira de Antropologia (1953), no Museu Nacional, Rio, assume a presidência do encontro, com a vacância de Baldus por força de um problema de saúde deste. Finalmente, preside a Comissão Organizadora da II Reunião (Salvador, 1955), quando se funda a Associação. A partir daí, Thales participa de todas as reuniões da ABA e, à exceção do biênio 1971-72, integra continuamente o conselho científico da entidade. Em 1974-76 volta à presidência - organizando a X Reunião (Salvador, 1976) - e torna-se seu primeiro Presidente de Honra em 1988.<sup>10</sup> Além disso, Thales de Azevedo conheceu o reconhecimento de seu trabalho fora da Bahia, ainda através do convite para participar em várias bancas examinadoras de doutoramento e para o preenchimento de cargos de carreira universitária.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> O cerco ao Instituto segue-se à abertura de dois processos policiais-militares contra Maria de Azevedo Brandão, na coordenação do mesmo desde o afastamento de Thales de Azevedo para assumir a direção da Faculdade de Filosofia, em setembro de 1964.

<sup>9</sup> A realização dessa reunião em 1951 é informada em uma nota deixada por Thales entre textos que ele escreveu para um futuro livro de memórias.

<sup>10</sup> Em março de 1990, Thales propôs à ABA partilhar essa que “foi a distinção maior que recebi em minha carreira no campo da antropologia... com outros colegas, [tornando] o título temporário”. Em correspondência de 17 de abril seguinte, Antônio Arantes, então presidente, responde que o conselho entendeu que o título lhe fora conferido “em caráter de extrema excepcionalidade, em vista da amplitude e da relevância de sua contribuição à antropologia brasileira. E que, além disso, inexistindo tal figura nos estatutos da nossa ABA, o espírito que presidiu a sua outorga está centrado no seu caráter eminentemente pessoal. Por essas razões, preferiu-se manter o perfil atual daquele título”.

<sup>11</sup>Foram examinados nessas ocasiões, entre outros, Marvin Harris, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Maria Isaura P. de Queiroz, Florestan Fernandes, J. Baúta

Ao lado do desempenho como professor e membro da comunidade científica, os estudos de relações raciais marcam um movimento central na vida e na obra de Thales de Azevedo. Eles fluem, em parte, da sensibilidade pela diferença aprendida das leituras sobre a formação histórica brasileira desde estudante de medicina e da recusa à discriminação, presente já em um artigo de 1931 - "Raças humanas superiores e raças inferiores". Talvez também da consciência assumida da origem mestiça da família paterna, cujo avô mulato fora um dos diretores da Faculdade de Medicina no início do século. Na preparação de *Povoamento*, entre 1945 e 1948, surgem as primeiras observações sobre mestiçagem e afirma-se a percepção dominante, na época, da Bahia como uma *democracia racial*, "visão que ele projeta sobre o passado oitocentista", afirma João Reis. [Mas], intelectual sensato que foi, Thales não deixou, entretanto, de rever suas posições sobre o assunto..."<sup>12</sup>

O registro do preconceito racial começa em *Cultural e biológico em antropologia*, 1951, em que ele desqualifica as interpretações que atribuem as dificuldades dos grupos negros e mestiços a condicionantes raciais. "O passado ou o futuro da Bahia não têm nada a ver, diz ele, com as características raciais de sua composição e só se relacionam com as condições biológicas de seu povo, na medida em que estas traduzem má nutrição, doença ou outra sorte qualquer de *deficit* capaz de diminuir a produtividade, a energia e a resistência dos indivíduos".<sup>13</sup> Thales vai mais longe, criticando o reducionismo e os preconceitos acadêmicos contra as manifestações de cultura negra. Apoiando-se em Herskovits e Benedict, ele diz: "Alguns dos que estudaram esse tipo de possessão (*descida do santo*), como Nina Rodrigues e Artur Ramos, na Bahia, e Ortiz em Cuba, o interpretaram como manifestação histórica, de natureza orgânica, o que não é exato nem completo. Na verdade o fenômeno, que não participa do anormal ou do patológico, é de ordem cultural, super-orgânica, embora desencadeado por estímulos emocionais, como ritos religiosos ou estados místicos, em indivíduos dotados de potencialidade neuro-psíquica específica e integrantes de grupos religiosos ou de sociedades em que o transe é honrado e recompensado como uma comunicação com o sobrenatural".<sup>14</sup>

Borges Pereira, Sergio Micelli, Maria Manuela Carneiro da Cunha. Na Bahia, ele apenas uma vez integrou uma banca de concurso, esta na Escola Normal do Estado (Salvador, 1959).

<sup>12</sup> Reis, "Thales", p. 21.

<sup>13</sup> *Civilização e mestiçagem*, p. 24

<sup>14</sup> idem, p. 29-30

Mas a motivação decisiva dos estudos de relações inter-étnicas decorre do seu engajamento no ciclo de estudos patrocinados pela UNESCO, de que resultaram vários artigos entre 1951 e 1953, e um estudo sobre ascensão social de pessoas de cor na Bahia, com o trabalho de campo realizado entre fevereiro e outubro de 1951. A participação no projeto da UNESCO emerge da vigência do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia - Columbia University (1949-53), criado por Anísio Teixeira, seu amigo desde a juventude, então Secretário de Educação e Saúde, que lhe levaria a uma outra de suas grandes amizades - Charles Wagley, então professor e futuro chefe do Departamento de Antropologia da Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, com quem divide a direção do programa. Esse vínculo é tão intenso que, na Bahia, o contrato com a UNESCO realiza-se mediante um convênio com a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, ligada ao Governo do Estado, outra criação de Anísio Teixeira de que Thales participa intensamente, encarregada também do Programa Estado da Bahia - Universidade de Columbia.

A coordenação dos trabalhos de pesquisa realizados por estudiosos americanos com a cooperação de alguns dos seus alunos, no âmbito desse programa, abrem-lhe um novo longo ciclo de interlocução, afeto e estímulo, que o faz como que explodir numa variedade de novos temas. Anísio Teixeira assinala a importância desse período, no oferecimento a Thales de um volume de *Cultura e situação racial no Brasil*, 1966, obra dedicada ao próprio Anísio: "Como um dos acidentes de minha vida, pude concorrer para que Thales de Azevedo juntasse à sua cultura médica a esplêndida cultura atual de antropólogo social. Orgulho-me disto. Bahia, abril 1967".

Mas, a verdade é que a participação no ciclo de estudos de relações raciais amplia consideravelmente o significado da associação com Wagley, a aproximação com a Universidade de Colúmbia e os contatos na comunidade acadêmica nacional. Como se sabe, em 1949 o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO organiza, a pedido da Secretaria Geral da Organização das Nações Unidas, um comitê para analisar a questão racial. O comitê recomenda o Brasil como exemplo positivo de convivência a ser estudado. A partir de 1950, são contratados, sob a orientação de Alfred Métraux - então ligado ao Programa de Tensões Sociais do Departamento de Ciências Sociais daquele órgão - estudos na Bahia, Rio, São Paulo e Recife. Mas ao contrário das expectativas da UNESCO, daí deriva o grande ciclo de estudos críticos sobre a "democracia racial brasileira", numa produção que se estenderia por mais de vinte e cinco anos.

Para Thales de Azevedo, a nível pessoal, surgem desse projeto a amizade com Métraux, Florestan Fernandes, René Ribeiro e Oracy Nogueira, alunos e auxiliares destes, a renovada admiração por Donald Pierson e



Roger Bastide, e a descoberta e apreço por Pierre Verger, também colaborador do projeto na Bahia. Florestan Fernandes chama atenção dessa capacidade de diálogo de Thales: “Somos tão diferentes em temperamento e em orientação intelectual e política que deveria haver, normalmente, um abismo entre nós. Pois nunca houve um estranhamento ou uma rusga. A razão principal está no próprio Thales de Azevedo. Quando nos desencontramos, examinamos mais a fundo os nossos temas e as nossas razões. Nesse caso, a sua objetividade, característica de uma mentalidade científica segura e bem moldada, ergue pontes onde outros colocam barreiras ou distâncias intransponíveis. *Reage cientificamente* [grifo no original], o que é um complemento e uma coroação do pensar cientificamente, o que permite o verdadeiro diálogo e favorece o entendimento. É essa peculiar disposição que o torna simpático aos leitores de suas obras. Ele não desaba pesadamente nem impositivamente sobre os que o lêem. Apresenta os seus fatos e os seus argumentos, como um companheiro de jornada...”<sup>15</sup>

Os estudos contratados pela UNESCO resultaram nos trabalhos *Race and class in rural Brasil* (Paris, UNESCO, 1952), organizado por Charles Wagley com artigos de Marvin Harris, W.H Hutchinson e Ben Zimmernann; *Les Élités de couleur dans une ville brésilienne* (Paris, UNESCO, 1953; reedições em português pela Cia. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1955, Série Brasileira, e pela U. Federal da Bahia e Empresa Gráfica do Estado, Salvador, 1996), de Thales de Azevedo; *O negro no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional, 1953), de L.A. Costa Pinto; *Branços e negros em São Paulo* (São Paulo, UNESCO - Anhembi, 1955, reedição pela Cia. Editora Nacional, 1959, Série Brasileira), de Roger Bastide, Florestan Fernandes *et al.*; *Religião e relações raciais* (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1956), de René Ribeiro; além de trabalhos de Oracy Nogueira, Virginia L. Bicudo e Aniela Ginsberg, inicialmente publicados também em *Anhembi*, São Paulo, 1955, e de Pierre van den Berghe.

*Les élités* ainda se mantém dentro do quadro interpretativo de D. Pierson<sup>16</sup>, considerando o preconceito racial basicamente como um mecanismo do sistema de classes. “Do ponto de vista teórico, o estudo pouco inova em relação a Pierson, a quem, de fato, toma emprestado a tese de que o Brasil é uma *sociedade multi-racial de classes* [afirma Antonio Sérgio Guimarães]. Do ponto de vista etnográfico, entretanto, o ensaio inova muito ao consta-

<sup>15</sup>. Florestan Fernandes, “Perfil humano de um antropólogo”, *A Tarde*, Salvador, 28 ago. 1984.

<sup>16</sup>. Donald Pierson, *Branços e Pretos na Bahia*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1945.

tar e documentar a importância do *status* atribuído, principalmente a origem familiar e a cor, sobre o *status* adquirido, como aquele proveniente da riqueza e da ocupação”.<sup>17</sup>

Mas Thales evolui para a ênfase no peso do preconceito e da discriminação raciais em si, a partir de vários artigos - sobretudo “Classes sociais e grupos de prestígio”, publicado em 1956, mas na verdade esboçado, juntamente com “Índios, brancos e pretos no Brasil colonial; as relações interraciais na Cidade da Bahia”, este publicado desde 1953 - como parte de *Les élites*. A exclusão desses dois textos não teria ocorrido, “ não houvesse desejado Métraux o tipo de apresentação indicado ... , [isto é] um livro sobre uma situação, a das relações raciais e a da ascensão social das pessoas de cor em uma cidade brasileira, que servisse para mostrar a outros povos uma solução para o problema do convívio entre tipos étnicos diferentes”.<sup>18</sup> Na própria “Introdução” de *Les élites* (1953) , o autor assinala que “uma simples descrição da situação racial na Bahia não seria suficiente para fazer compreender o dinamismo dessa ascensão de negros na escala social”, enfatizando a necessidade de uma perspectiva histórica, de que ele se *abstinha* (*sic*) na ocasião.<sup>19</sup> Alfred Métraux, que seguira de perto as pesquisas no Brasil, chegou a vir duas vezes à Bahia, por um mês em cada ocasião, hospedando-se na sede da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, que fora na verdade o quartel-general do Programa Estado da Bahia - Columbia University. Para Métraux e os demais idealizadores dos estudos sobre o Brasil, a divulgação de uma experiência como a brasileira, considerada menos dramática do que a americana ou a da África do Sul, tornara-se praticamente uma missão.

Nesse sentido, *Les élites*, escrito em poucos meses depois de contratado pela UNESCO (meado de 1951 - janeiro de 1952), e primeiro dos trabalhos concluídos do projeto, procura descrever uma situação a ser valorizada, basicamente, com uma intenção moral e política, apesar de todos os cuidados que Thales procurou tomar contra seu próprio subjetivismo. Assim, nas “Conclusões” da edição original (1953), ele adverte que a idéia de “que não há preconceitos de cor na Bahia é uma afirmação apenas parcialmente verdadeira”.<sup>20</sup> Mas, a imagem é em geral positiva: “as facilidades à ascensão

17. Antonio Sergio Guimarães, “Estudos de Relações Raciais”, *Revista da Bahia*, n. 20 (Dez. 1996), p. 24.

18. *In Ensaio de Antropologia Social*, 1959, p. 9.

19. *Les élites de couleur dans une ville brésilienne*, Paris, UNESCO, 1953, p. 7.

20. *Idem*, p. 103.

social de pessoas de cor tendem a se multiplicar... a menos que a mudança cultural, sob a influência das novas condições criadas pela industrialização... não produza uma modificação sensível no *ethos* da Bahia...". É otimista, ainda, quando afirma que "as camadas superiores da sociedade baiana não opõem resistência organizada a essas tendências [favoráveis à ascensão das pessoas de cor]..., considerando-as uma prova de progresso moral e de *civilização* ...".<sup>21</sup>

Na verdade, o texto de *Les élites* é notoriamente ambíguo em todo o seu desenvolvimento, entre sinais promissores e evidências irrefutáveis de preconceito e discriminação, apenas que estes são interpretados no quadro da estratificação social, portanto mitigáveis ou não, a depender da marcha do processo de desenvolvimento econômico. Paralelamente, em trabalhos feitos no âmbito dos estudos realizados para a UNESCO, tornavam-se evidentes as indicações de uma situação longe do desejável, exposta nos artigos "Imagens e esteriótipos raciais e nacionais" (1953) e "Comportamento verbal e efetivo para com os pretos na Bahia" (1956) (ver bibliografia a seguir). Assim, com a própria experiência da pesquisa, os envolvidos acabaram por contribuir exatamente para desmistificar o mito da "democracia racial brasileira". Já no "Adendum" escrito em agosto de 1954, acrescentado à Introdução, na edição brasileira (1955), Thales pondera: "Penso que, por sua natureza e pelos riscos de que se venha a modificar para pior, o que não tem nada de impossível nem de remoto, se não estivermos vigilantes, a situação racial brasileira, na Bahia como em São Paulo ou em qualquer outra parte, deve ser tratada com objetividade para que possa ser compreendida no que tem de bom e de mau e, assim compreendida, seja preservada e aperfeiçoada".<sup>22</sup>

Em *Classes sociais e grupos de prestígio*, "o modo como Azevedo romperá com a tese piersoniana da democracia racial será a um tempo simples e sólido", afirma Guimarães. "Thales tomará emprestado à sociologia alemã de Tönnies e Weber as categorias de classe e de grupos de prestígio, ou estamentos, para referir-se à estratificação dos grupos de cor. A inovação de Thales consiste justamente em teorizar a transição do Brasil colonial para um Brasil moderno em termos da passagem de uma sociedade de *status* para uma sociedade de classes, indicando como a associação entre *status* e cor permanecia incólume nessa transição".<sup>23</sup>

<sup>21</sup>. Idem, p. 105.

<sup>22</sup>. *As elites de cor; um estudo de ascensão social*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1955, p.21.

<sup>23</sup>. Guimarães, "Estudos", p.25.

O artigo<sup>24</sup> pretende indicar algumas características do sistema de classes em sociedades multi-raciais de classes, como a sociedade da Cidade do Salvador e, por extensão, as regiões de cultura e organização do tipo Brasil antigo (p. 105). Vale a pena resumir o argumento do autor: “De certo modo, afirma Max Weber, as classes são estratificadas de acôrdo com suas relações com o produto e aquisição de bens, enquanto os grupos de *status* estratificam-se segundo padrões de consumo representados por especiais estilos de vida” (p. 106). Como “a Bahia não concluiu a sua passagem de uma sociedade de status para uma sociedade exclusiva ou preponderantemente de classes sociais.[...], apesar das mudanças políticas e sócio-econômicas verificadas nos últimos oitenta anos e da notória debilidade das forças de discriminação racial, os brancos, isto é, todas as pessoas socialmente consideradas como tais, e a *gente de côr*, enquanto grupos continuam nas mesmas posições que tinham no passado” (p. 107).

Para Thales, há uma correlação entre *status* e cor que resulta numa divisão da sociedade em dois estratos principais: “Dessa estrutura em duas camadas, começam a emergir as classes sociais, identificáveis do ponto de vista econômico pelas diferenças de propriedade, pelos níveis de renda, pelos padrões de consumo, pelos níveis de instrução e pelas regras de etiqueta, e ainda por uma incipiente consciência de si mesmas. O esquema de classes ajusta-se em parte ao de grupos de prestígio e se organiza ainda muito em função do anterior” (p. 108). “Uma linha de distinção separa mais nitidamente os dois grupos de *status* e prestígio constituídos, de um lado, pelo agregado das classes alta e média e, de outro lado, pela classe baixa. É assim que a classe média está muito mais distante da *pobreza* do que da *elite*, tanto em seus *mores*, como em seus privilégios. As discriminações mais visíveis e as tensões mais manifestas são as que se operam entre esses grandes grupos” (p. 113 - 114). E conclui: “[na Bahia], o status resulta dum combinação de fatores como nascimento e tipo físico, que se deixam modificar, até certo ponto, pela fortuna, pela ocupação e pela educação, [mas que] limitam a distância social que se pode percorrer no processo de mobilidade vertical, quaisquer que sejam os demais elementos condicionantes” (p. 118).

Em *Mestiçagem e status* (1961-63), Thales refina a análise de *Classes sociais e grupos de prestígio*, explorando o significado do que chama matripolaridade - ou matrifocalidade - da família brasileira, nos mecanismos de mobilidade através de uniões multi-raciais, e desdobra as observações que afirmam as manifestações do preconceito e da discriminação. Aí

<sup>24</sup>. Citados a seguir os números das páginas da edição de 1959.

ele deixa claro as diferenças - de oportunidades de ascensão pelo casamento - entre homens e mulheres, tendo estas, quando de origem negra, as desvantagens da absorção do cônjuge masculino ao *status* de sua família.

\* \* \*

Registramos a seguir uma lista de trabalhos de Thales de Azevedo sobre relações inter-étnicas, excluindo as numerosas publicações em jornais e talvez mesmo algum escrito inédito, sem mencionar as numerosas observações registradas em pedaços avulsos de papel ou nas margens de seus livros.<sup>25</sup> Nessa seqüência, observam-se dois momentos de maior densidade de produção, além do ciclo inicial de 1951-53. São os períodos de 1956-57 e 1961-63. A partir daí, ele ocupa-se com uma grande variedade de temas e um novo grande ciclo de pesquisas, nascido em 1952, sobre catolicismo popular, que derivaria em estudos sobre as relações Estado/Igreja e até mesmo sobre ideologia civil, além da elaboração de uma monografia de história econômica<sup>26</sup> e da retomada do tema da imigração italiana<sup>27</sup>; mas discute intermitentemente a questão das relações inter-étnicas, publicando afinal, em 1975, *Democracia racial*, uma coletânea de artigos seus, cujo sub-título, *Ideologia e realidade*, enfatiza sua posição crítica às motivações originais do ciclo da UNESCO. Como se pode ver, Thales escreve até 1988 sobre o tema e diversifica seu interesse, resenhando outros autores e escrevendo sobre questões culturais. Além disso, retoma o assunto às vésperas de sua morte, iniciando a revisão das entrevistas e notas para *Les élites*, feitas em 1951, na expectativa de uma publicação desse valioso material.<sup>28</sup>

<sup>25</sup>. Para uma síntese biográfica e bibliográfica do autor, ver Maria de Azevedo Brandão, *Thales de Azevedo: dados de uma assinatura*, Salvador, ABA / UFBA, 1993.

<sup>26</sup>. (Em colaboração com Edilberto V. Lins), *História do Banco da Bahia, 1858 - 1958*, Salvador/ Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

<sup>27</sup>. Os estudos sobre italianos no Rio Grande do Sul (a partir de 1956) e até mesmo mais tarde na Bahia(1988) derivam do interesse pelo Rio Grande, iniciado em 1940.

<sup>28</sup>. Thales de Azevedo, nascido em Salvador a 26 de agosto de 1904, faleceu em 5 de agosto de 1995. Na véspera, ele ainda acompanhou a leitura do início da cópia digitada das entrevistas de 1951.

## Bibliografia de Thales de Azevedo sobre relações inter-étnicas\*

### Artigos

Raças humanas superiores e raças inferiores. *Mundo Médico*, Rio de Janeiro, v.5, n.23, 1931; *A Tarde*, Salvador, 20 ago. 1931.

Um aspecto da mestiçagem na Bahia. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v.11, n.101, p.45-52, 1945.

Determinação da cor da pele; a propósito de um método quantitativo. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, Nova Série, Antropologia, n.8, p.01-19, ago. 1947.

Começa a mestiçagem. In: *Povoamento da Cidade do Salvador*, 1949, 1956 e 1959, p. 57-63.

Democracia racial. In: *Povoamento da Cidade do Salvador*, 1949, 1956 e 1959, p. 186-195.

Colonização portuguesa e mestiçagem. In: *Civilização e mestiçagem*, 1951, p. 41-48.

A população da Bahia. In: *Civilização e mestiçagem*, 1951, p. 49-69.

Cultural e biológico em antropologia. Aula inaugural dos cursos da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, Salvador, 1951. In: *Civilização e mestiçagem*, 1951, p.5-40; *Arquivos da Universidade da Bahia - Faculdade de Filosofia*, Salvador, v.2, p.27-40, 1953.

Um questionário sobre estereótipos raciais. *Sociologia*, São Paulo, v.13, n.1, p.58-63, 1951.

Bahia: La grande metropole noire. *Le Courier*, Paris, UNESCO, V.5, N.8/9, P.14-15, ago./set. 1952. Também nas edições em espanhol e inglês.

\* Títulos ordenados em ordem cronológica, com indicação dos vários locais de publicação.

Índios, brancos e pretos no Brasil colonial; as relações interracialis na Cidade da Bahia. *América Indígena*, México, v.13, n.2, p.119-132, abr. 1953; In: *Ensaio de antropologia social*, 1959, p. 83-102; In: *Cultura e situação racial*, 1966, p. 75-91.

Imagens e estereótipos raciais e nacionais. *Arquivos da Universidade da Bahia; Faculdade de Filosofia*, Salvador, v.2, p. 103-116, 1953; In: *Ensaio de antropologia social*, 1959, p. 121-139; In: *Cultura e situação racial no Brasil*, 1966, p. 44-59.

A Igreja e o problema racial no Brasil. *Verbum*, Rio de Janeiro, v.13, fasc. 1, p.53-61, mar. 1956.

Comportamento verbal e efetivo para com os pretos na Bahia. *Arquivos da Universidade da Bahia - Faculdade de Filosofia*, Salvador, v.4 (1955), p.47-58, 1956; In: *Ensaio de antropologia social*, 1959, p. 161-178; In: *Cultura e situação racial no Brasil*, 1966, p. 60-74.

Classes sociais e grupos de prestígio na Bahia. *Arquivos da Universidade da Bahia - Faculdade de Filosofia*, Salvador, v.5, p.81-91, 1956. In: *Ensaio de antropologia social*, 1959, p. 103-120; *Cultura e situação racial no Brasil*, 1966, p. 30-43; *As elites de cor numa cidade brasileira...*, 1966, p. 167-180.

Panorama demográfico dos grupos étnicos na América Latina. *América Indígena*, México, v.17, n.2, p.121-140, abr. 1957. Versão revista sob o título "Os grupos étnicos da América Latina", in: *Ensaio de antropologia social*, 1959, p. 63-82 e in: *Cultura e situação racial no Brasil*, 1966, p. 98-108.

Recensão (de VERGER, P. *Dieux d'Afrique*. Paris, Paul Hartmann, 1954). *Arquivos da Universidade da Bahia; Faculdade de Filosofia*. Salvador, v.6 (1957/1958), 1961.

Recensão (de RIBEIRO, R. *Cultos afro-brasileiros do Recife; um estudo de ajustamento social*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1952). *Arquivos da Universidade da Bahia; Faculdade de Filosofia*, Salvador, v.6 (1957/1958), 1961.

Recensão (de RIBEIRO, R. *Religião e relações raciais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1956). *Arquivos da Universidade da Bahia; Faculdade de Filosofia*, Salvador, v.6 (1957/1958), 1961.

Recensão (de MARAIS, B. J. *Colour; unsolved problem of the West*. London, George Allen and Unwin, 1952). *Arquivos da Universidade da Bahia; Faculdade de Filosofia*, Salvador, v.6 (1957/1958), 1961.

Mestiçagem e status no Brasil. Texto original de 1961, apresentado no Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 5, Coimbra, 1964. Separata das *Actas*, Coimbra 1964. v.1, 30p; *Sociologia*. São Paulo, v.26, n.4, 1964. In: *Cultura e situação racial no Brasil*, 1966, p. 1-29; In: *Democracia racial; ideologia e realidade*, 1975.

Gilberto Freyre e a reinterpretação do mestiço. In: *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte: Ensaios sobre o autor de Casa Grande e Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. Ensaios comemorativos do 25º aniversário da publicação de *Casa Grande e Senzala*.

Brasil: grupos étnicos. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editorial Verbo, 1965. v.3, fasc. 36.

O crioulo: entre escravo e cidadão. *Cadernos Brasileiros*. Rio de Janeiro. n.47, mai./jun. 1968.

A possibilidade de uma literatura afro-brasileira. Congresso Brasileiro de Escritores Médicos. Salvador, fev. 1972. Versão revista em 1973, In: *Democracia racial; ideologia e realidade*, 1975, p. 85-107.

Os grupos negro-africanos. In: *História da Cultura Brasileira*. [Rio de Janeiro]: Conselho Federal de Cultura, 1974, v. 1; In: *Democracia racial; ideologia e realidade*, 1975, p. 11-33, sob o título "Africanos e negros no Brasil; uma síntese".

Cultura africana e cultura baiana. Documento Básico do GT-16 dos 1ºs Seminários de Cultura da Cidade do Salvador, Prefeitura Municipal do Salvador - OCEPLAN, 1975. Publicado in *Sárépegbě*, Salvador: Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, v.1, n. 3/4, p.9-15. jul./dez. , 1975.

Uma nova negritude no Brasil? *Cultura*, Brasília, v.6, n.23, p.120-128, out./dez. 1976.

A democracia racial: mito e ideologia. *Universitas*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, n.17, p.5-29. mai./ago. 1977.



As sociedades multi-raciais e os problemas estruturais do Estado-Nação. Comentários à comunicação de John Rex, Universidade de Warwick, U. K. In: *Alternativas políticas, econômicas e sociais até o final do século; Encontros Internacionais da UNB*, 1, Brasília, set. 1979. *Anais*. Brasília: Universidade de Brasília, set. 1980, p. 339-343.

Recensão (de MATTOSO, Kátia M. de Queirós, *Être esclave au Brésil*. Paris. Hachette. 1980). *Mensário do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.11, n.5, p.33-35, mai. , 1980.

Prefácio: In: NOGUEIRA, O. *Tanto preto quanto branco; estudos de relações raciais*. São Paulo, T. A. Queiroz, editor, 1985.

Para uma negritude à baiana; conversa sobre o treze de maio. *Revista da Bahia*, Salvador, v.28, n.9, p.28-30, jun./ago., 1988.

## Monografia

*Les élites de couleur dans une ville brésilienne*. Paris: UNESCO, 1953. Fotos de Pierre Verger; edições em português sob os títulos *As elites de cor; um estudo de ascensão social*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1955. Série Brasileira, n. 282, e *As elites de cor numa cidade brasileira & Classes sociais e grupos de prestígio*, 3ª ed. Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996.

## Coletâneas

*Civilização e mestiçagem*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1951.

*Ensaio de antropologia social*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. Publicações da Universidade, v. IV, n. 5; e Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

*Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

*Democracia racial; ideologia e realidade*. Petrópolis, Vozes, 1975.